



**COLONIALIDADE, A SEIVA DA MODERNIDADE: teorização à luz da
(des)colonialidade do Ser**

**COLONIALITY, THE SAP OF MODERNITY: theorizing in the light of the
(de)coloniality of Being**

**COLONIALIDAD, ESENCIA DE LA MODERNIDAD: teorizar a la luz de la
(des)colonialidad del Ser**

Indayá de Souza Nogueira¹ & Edgar César Nolasco²

Distinta dessa ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que, ao invés de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, refere-se antes à forma como trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça [...] Ela se mantém viva nos manuais de aprendizagem, no critério para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em outros aspectos de nossa experiência moderna.

MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 26.

¹ Graduanda do curso de Letras Português- Espanhol na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC/UFMS) e membro do grupo Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS/CNPQ). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-6262-5202>. Email: souzaindaya2@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado em Cultura (PACC-UFRJ), docente do Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens- FAALC/ UFMS e coordenador do NECC- Cnpq/UFMS. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br

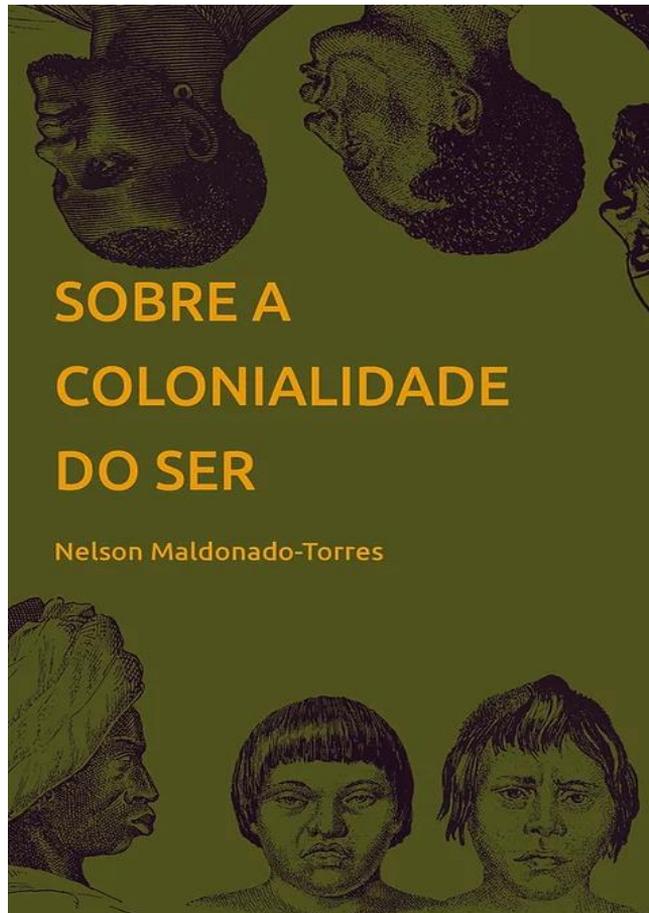


FIGURA 1 – Capa do livro *Sobre a colonialidade do ser* (2022) de Nelson Maldonado-Torres.

Fonte: <https://www.viaverita.com.br/product-page/sobre-a-colonialidade-doser>.

O presente texto surge, respondendo ao que, na guisa do que o professor, pesquisador e intelectual Nelson Maldonado-Torres trata na obra *Sobre a colonialidade do ser* (Figura 1) como *dimensão positiva que o inspira*³, sendo esta a dimensão trazida pelo paradigma *outro* da descolonialidade. Assim,

³ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 48.

acompanhada do pensamento desenvolvido por Nelson na obra *Sobre a colonialidade do ser*: contribuições para o desenvolvimento de um conceito, exponho aqui as teorizações erigidas a partir de meu *biolocus*⁴ sul-fronteiriço de pesquisadora iniciante na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), grupo de pesquisa a partir do qual este texto surge e para o qual se volta tratando especificamente do desenvolvimento do conceito de “colonialidade do ser” feito por Nelson.

Suscitando o trecho epígrafado, tratar de colonialidade se relaciona, em primeira instância, aos padrões de poder sociais, políticos e epistemológicos impostos aos corpos subalternizados no sistema mundial/colonial/moderno. Nesse ínterim, ao tratar da colonialidade do ser, ou *colonialidade ontológica*⁵ explora-se como o colonialismo se mantém na vida cotidiana, no corpo e nos modelos que intermediam a experiência vivida na modernidade. Assim, a vigésima nona chamada do CADERNO DE ESTUDOS CULTURAIS, periódico que se dedica há anos à teorização enredada com um paradigma *outro* da colonialidade, propõe: “Modernidades e modernismos, nunca mais”. Entendendo a colonialidade enquanto *lado mais escuro do modernidade*⁶, estabelece-se a relação entre os mais de cinco séculos de modernidade europeia e um século de modernidade brasileira com a colonialidade do Ser trazida por Nelson e articuladora-base dos modelos hegemônicos que cerceiam as relações de trabalho, produção e cultura na modernidade.

O filósofo porto-riquenho, ao materializar seus estudos e *conversas informais*⁷ sobre o conceito de colonialidade do ser, amplamente debatido por um grupo diverso de intelectuais que pensa a colonialidade e a descolonialidade do poder. Seções do que se materializou neste livro foram comunicadas em palestras

⁴ NOLASCO. *CRÍTICA BIOGRÁFICA fronteiriça* (Brasil/ Paraguai/ Bolívia), p. 60.

⁵ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 11.

⁶ MIGNOLO. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*, p. 02. Em 2017, o intelectual argentino Walter Mignolo publica artigo intitulado “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” no qual o autor trata da colonialidade enquanto uma matriz colonial de poder que surgiu durante o período de colonização das Américas e fundamentou a modernidade na América Latina.

⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 12.

no Centro para Estudos sobre a Globalização nas Humanidades na Universidade Duke em novembro de 2003, e na conferência sobre “Teoria crítica e descolonização” em maio de 2004. Nessas primeiras versões de seu pensamento, ainda na guisa das conversas teóricas-críticas, os pensamentos dos intelectuais Fernando Coronil, Santiago Castro-Gómez, Oscar Guardiola, Edgardo Lander, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Freya Schiwy e Catherine Walsh atravessaram suas reflexões sobre o conceito e nos dias atuais, dezenove anos após essas primeiras conversas (2023) o agora professor de filosofia em universidade norte-americana ilumina novamente a teorização acerca da junção entre o conceito de *colonialidade* + o *Ser*, entendido a partir da concepção *heideggeriana* e aproximado do *ser colonizado*, ou *Dasein colonial*.⁸

Nelson cita abertamente os pensadores que atravessam sua teorização, enquanto pesquisadora, compartilho da formação de meu co-partícipe ao conhecer o des-pensar, primeiramente por intermédio de meu orientador e amigo político Edgar César Nolasco, encaminhando-me na direção da descolonialidade por meio de Walter Mignolo, Aníbal Quijano, entre outros. À vista disso, Nelson inicia seu pensar agradecendo aos amigos políticos que o apoiaram na “materialização” de seu pensamento, inspirando-me no processo de escrita do mesmo, aproveito para agradecer ao meus amigos políticos com os quais tenho *conversas epistêmicas e informais* acerca de parte dos conhecimentos que me guiam até a presente leitura, sendo eles, Pedro Henrique Alves de Medeiros, Nathalia Flores Soares, Francine Carla Rojas, Marina Maura Noronha, Júlia Guzman, Dênis Ferraz, Tiago Osiro, Viviani Leite, Luiz Eduardo Ludvig, Lara Dallagnol e Thays Santos Silva.

Posto isso, ressalto a divisão com a qual Nelson fragmenta seu pensar quanto à colonialidade do Ser, decompondo seu livro em seis partes, sendo elas: 1. A colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito, 2. O que é a colonialidade?, 3. O que é o ser?, 4. O que é a colonialidade do ser?, 5. Descolonização e "degeneração" do ser e 6. Coda: giro de-colonial, ciências de-coloniais e transmodernidades. Ao preambular de uma perspectiva didatizada o desenvolvimento do conceito, escrevendo com o *sangue das vítimas da colonialidade*⁹, Nelson adentra o período de colonialismo latino americano para

⁸ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 23. *Dasein* é o conceito heideggeriano que traduzido significa “ser-aí”, sendo o ser que habita um espaço.

⁹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, s/p.

estabelecer como o processo de “descoberta” do Novo Mundo marcou cognitivamente os sujeitos que, como nós, são *anthropos* na modernidade a partir da relação entre a colonialidade enquanto reconquista colonial e subalternização dos corpos e nossa forma de nos comportamos enquanto *condenados da terra*¹⁰.

Inicialmente, noto que o intelectual traz um panorama histórico quanto ao desenvolvimento conceitual do que se entende hoje como colonialidade do ser, perpassando sua própria experiência de estudo, com os debates e reflexões em grupos. Além disso, Nelson parte, no que concerne ao Ser, da perspectiva que Heidegger traz em *Ser e tempo* (1927), mesmo que tal paradigma não englobe propriamente a América Latina, o conceito de colonialidade do ser surge buscando esclarecer a articulação entre o Ser e o projeto colonial, alargando a discussão para além do eixo dos chamados “*mestres da suspeita*”¹¹ como Marx, Nietzsche e Freud e aproximando-a de um debate que se acerque do corpo colonizado, com um encontro similar com o pensamento de Levinas, Dussel e Scannone, intelectuais argentinos que reconfiguraram a ontologia ao relacioná-la com o poder na América Latina colonizada.

A concepção fundamentou-se na ideia de que, se há uma colonialidade do poder que atravessa a produção de saberes e epistemologias em colônias ameríndias e africanas, também existe uma colonialidade do saber. Assim sendo, como as relações de poder e conhecimento surgem a partir do corpo e da vivência/concepção subalternizada, podemos pensar em uma “colonialidade do ser”. Conforme Nelson nos apresenta em termos gerais ao conceito no início de seu livro, a colonialidade do ser responde às representações modernas do colonialismo na *experiência vivida da colonização e em seu impacto sobre a linguagem*.¹² Entendendo a linguagem como parte dos seres humanos, a colonialidade do saber e do poder abarca em si os aspectos do seres humanos e não-humanos, como Fanon trará ao denominar os corpos colonizados como “condenados” (ou *damnés*¹³) da terra.

¹⁰ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 40.

¹¹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 09.

¹² MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 12.

¹³ *Damné* é o que Ralph Ellison (1999) elaborou como um ente-invisível, um não-ser da colonialidade.

Passado o percurso histórico e o que entendo como “introdução” geral do conceito, Nelson nos guia para a primeira parte de sua fragmentação conceitual no tópico 2. “O que é colonialidade?” desmembrando o primeiro termo do conceito e afirma de prontidão: *colonialidade não é o mesmo que colonialismo*¹⁴. Quando se inicia os estudos da epistemologia descolonial, uma das primeiras afirmativas postas é a de que as fraturas deixadas pelo colonialismo persistem. Ao tratar dos Estudos Culturais e Comparados, escrevendo a partir do corpo e da subalternidade, a produção intelectual e artística testemunha as rupturas deixada pelas *feridas coloniais*¹⁵. Tal afirmação demonstra que, não obstante da perspectiva política na qual as colônias afro-americanas tenham se tornado repúblicas, os mesmos mecanismos de opressão do período colonial continuam afligindo as estruturas sociais, econômicas e geopolíticas.

Dessa forma, podemos pontuar que a colonialidade refere-se a um *padrão de poder*¹⁶ articulado enquanto resultado do colonialismo moderno, ultrapassando as questões referentes à dominação geopolítica de uma nação sobre outra, estabelecendo uma relação de poder político e geográfico, refere-se portanto aos padrões de dominação que resistem nos dias atuais e configuram a estrutura social a experiência em *locus* colonizado. Dessa perspectiva, a colonialidade está refletida no julgamento que fazemos uns dos outros, nos critérios que definem boas e más produções artísticas e intelectuais, e nos relacionamentos humanos. A colonialidade é também a estrutura-mor que subsidia o racismo- a partir da idéia de raça- e o capitalismo, modelo econômico que se pauta na exploração do homem pelo homem e reforço ideais de opressão e guerra, além de fundamentar e ética do *ego conquirro* (eu conquisto) evidenciada por Enrique Dussel.

Nelson estabelece que pensar a colonialidade é movimentar a relação entre *linguagem-história e resistência*¹⁷ frente aos paradigmas modernos de opressão. Trazer à tona o panorama histórico diz respeito ao desbravar o período de colonialismo europeu e os pensamentos fundamentalistas quanto ao ser e o surgimento de uma ética colonial. O filósofo porto-riquenho explicita portanto,

¹⁴MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 14.

¹⁵MIGNOLO. *La idea de América Latina: La Herida Colonial Y La Opción Decolonial*, p. 34.

¹⁶MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 14.

¹⁷MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 13.

que a *matriz espaço-temporal nomeada América*¹⁸ se refere a dois eixos do padrão de poder colonial que buscaram *codificar as diferenças*¹⁹ e fundamentaram uma “ideia de raça”, na qual as estruturas biológicas são pautadas enquanto diferenças segregadoras que colocam corpos racializados em situação de subalternidade, sendo eles primordialmente os indígenas e os negros. Ademais, a estrutura econômica na qual o capital é o foco e a partir dele se cria a concepção de desenvolvimento e também subdivide os sujeitos na modernidade.

Tal processo ofereceu subsídio necessário para que se criasse uma *identidade moderna*²⁰, sendo este modelo o próprio *coração da experiência moderna*²¹. Assim, é inescapável tratar de colonialidade sem ressaltar que a mesma é a seiva da modernidade, é nela que mora a persistência e fortaleza dos discursos modernos, assim como a força que propicia os muitos séculos de modernidade na América Latina. A discussão quanto à fundamentação da colonialidade em suas múltiplas facetas depreende-se não apenas das opressões, mas do ponto a partir do qual elas ocorrem. Para Dussel, antes da lógica do *ego cogito*²² cartesiano (penso, logo existo), a Europa era provida de seu *ego conquiro* (eu conquisto), o que Nelson está sugerindo nesse caso é que a subjetividade europeia relaciona o “eu conquisto” com a substância do pensamento, como um “*conquisto, logo penso e por fim existo*”, fator que atravessa a subjetividade europeia fundamentada em uma ética de guerra e conquista como legitimação do ser.

213

Dito isso, Nelson trata do ceticismo envolvido na não-humanidade dos corpos racializados não enquadrados nas lógicas de *ego cogito* e *ego conquiro*. O professor explica que essa concepção se compartilha na subjetividade dos imperialistas, donde um ceticismo misantrópico colonial/racial coloca em dúvida a humanidade de corpos subalternizados. A partir disso a lógica do desenvolvimento na modernidade se fundamenta na dúvida do “será que

¹⁸ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 15.

¹⁹ QUIJANO Apud MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 15.

²⁰ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 15.

²¹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 15.

²² MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 18.

determinados sujeitos são seres humanos e podem pensar e existir livremente?”. Assim, o progressismo na modernidade se refere ao progresso de uns em detrimento de outros, a lógica da colonialidade evidenciada por Nelson revela o ceticismo misantrópico colonial racial como um sistema cognitivo presente na Europa, a mesma que fundamenta o *ego cogito* cartesiano e o *ego conquiro* enquanto empreendimento colonial.

Essa ética se estabelece no imperialismo *fundamentalmente genocida*²³, o ceticismo misantrópico e a ideia de raça dividem e acusam os alvos do genocídio colonial. Dessa forma a colonialidade se desprende do “descobrimento” das Américas, ação com implicações *ontológicas, metafísicas e cognitivas*²⁴. Ressalto, portanto, que o tópico necessário para compreensão do ceticismo misantrópico colonial é entender que o código de ética e moral aplicado pelos colonizadores na África negra e nas Américas não é o mesmo com o qual os Europeus enxergam seu próprio povo. O genocídio ameríndio e negro torna-se justificável, inclusive na ética da cristandade quanto se desumaniza o ser-colonial.

Naturalizou-se desse modo a *não-ética*²⁵ da guerra, na qual o genocídio é transformado não apenas em realidade aceitável, mas justificável. Assim, a máxima cartesiana “*penso, logo existo*”²⁶ do *ego cogito* subsidia a ética do conquistador, o “descobrimento” traz consigo a terceira vertente do ser-colonizador, o *ego fálico*²⁷ no qual a não-ética da guerra se configura enquanto normal e cria suas hierarquizações em níveis de opressão, a partir dessa ética os homens “conquistados” nas terras do Novo Mundo convertem-se em escravos ou são mortos, enquanto as mulheres racializadas tornam-se primeiramente alvo de abuso sexual, no qual a opressão das mulheres se fundamenta até os dias atuais, o *ego conquiro/fálico* portanto, estrutura as relações de opressão por intermédio de colonialidade.

²³ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 24.

²⁴ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 24.

²⁵ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 25.

²⁶ “Cogito, ergo sum” é uma frase de autoria do filósofo e matemático francês René Descartes, publicada originalmente no livro *O discurso do método* (1637). Traduzida para o português como “penso, logo existo”; pode ser melhor traduzida como “penso, portanto sou”.

²⁷ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 27.

Após discorrer sobre a colonialidade enquanto superestrutura que abriga as articulações geopolíticas na modernidade, o tópico subsequente trata especificamente da colonialidade do ser, na qual Nelson retoma suas reflexões quanto à ontologia heideggeriana como referência para sua elaboração. Heidegger é elegido como ponto de partida da concepção do ser, pois afasta-se relativamente das ideias ocidentais e metafísicas até então concebidas, a concepção heideggeriana traça um paralelo interessante para começar a pensar a América Latina cunhando o conceito de *Dasein*. O *Dasein* de Heidegger é o Ser-ai, ou seja, o ser que ocupa determinado espaço. Em comparação com as concepções pré-heidegger, pensar em ser+espaço representa por si só um novo paradigma de estudo da existência.

Entretanto, o que escapou para Heidegger e veio a ser compreendido por Franz Fanon e Enrique Dussel, décadas depois, foi a relação entre o ser, o espaço e os impactos cognitivos da colonização. Heidegger propõe que o *Dasein existe para o futuro*²⁸ pois se encaixa em um sistema histórico e social, alcançando a autenticidade quando se encontra com o poder-ser que só pode surgir a partir do encontro único com a experiência humana, para Heidegger a maior expressão deste encontro com a possibilidade é a morte, da qual todos inevitavelmente estão fadados, sem previsão. O colonizado, então, não é um *Dasein* pois a experiência de morte do subalternizado se articula de forma diferente, para o colonizado a imprevisibilidade da morte se vivencia todos os dias de forma antecipada. Para o colonizado, a vida é encarada como uma luta permanente contra uma morte onipresente, sendo a fome, a violência e outros fatores que constroem a subalternidade uma ameaça constante e latente para os corpos da colônia. A morte na colônia é, contudo, não só um *fator individualizante, mas constitutivo*²⁹, dessa forma o ponto deixado de fora da por Heidegger é o que Mignolo trata como o lado mais escuro na modernidade.

A união dos estudos explanados por Nelson sobre a colonialidade e o ser individualmente, esclarecem o desenvolvimento desse conceito pela epistemologia descolonial e como o mesmo se relaciona com os outros conceitos de colonialidade, como colonialidade do saber e do poder. O ser não é um *Dasein*

²⁸ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 33.

²⁹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 39.

heideggeriano, mas sim um *Damn e*³⁰, ou seja, um ser-condenado que vive   sombra de uma constante ameaça geopolítica que *corrói a existência do colonizado*.³¹ A colonialidade do ser relaciona-se diretamente com o *damn e* articulado a partir da *linha de cor em suas diversas formas de expressão*.³² Nos dois fragmentos finais do livro Nelson traz reflexões quanto aos novos paradigmas teóricos que possibilitam discussões mais acirradas sobre colonialidade e modernidade europeia.

A *degenera o do ser*³³ como forma de pensar alternativa desenvolvida nos estudos pós-coloniais e culminando atualmente nos estudos descoloniais abriu espaço para que se pensasse o ser colonial para além do *damn e* de Fanon. Assim, a condena o colonial foi abordada por Levinas a partir do conceito de *outro*³⁴, no qual a subjetividade e racionalidade do ser se relaciona com esse outro do sujeito transformado em alter ego, já a colonialidade presente no ser se relaciona ao outro que transfigura-se em *damn e*, condenado. Os estudiosos supracitados aproximaram-se da colonialidade do ser, mas a deixaram de lado, o que resta para nós pesquisadores do presente situados no século XXI escrevendo sobre e a partir da América Latina são as atuais configura es que tal conceito assume no presente.

O *Outro* colonial se reconfigura a partir da colonialidade do ser na atualidade por meio do *esquecimento do fundamento  tico da subjetividade*³⁵ propiciado pelo modelo capitalista e neoliberal, para além disso, nos dias atuais a colonialidade do ser veste a roupagem dos movimentos neonazistas e fascistas que vem crescendo exponencialmente. O que Nelson trata como *as quatro principais formas de diferenciar o ser humano*³⁶ são os principais alvos dos grupos políticos neocoloniais, como g nero, raça, casta e sexualidade. A subjetividade humana na

³⁰ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 43.

³¹ FANON Apud MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 42.

³² MALDONADO.-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 48.

³³ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 48.

³⁴ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 49.

³⁵ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 52.

³⁶ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 52.

colonialidade é o alvo da ruptura entre discursos produzidos e existência humana. A ideia de raça já comprova esse feito, mas além disso, serve como base para que se estigmatizam outras diferenças humanas como as de gênero e sexualidade.

A descolonização e desgeneração também se relacionam com a autenticidade gerada pela morte, neste ponto, entretanto, ancoram-se no *escândalo com a abertura e morte do outro corpo*³⁷. A descolonização surge do que Nelson chama de *capacidade de colocar seu próprio corpo no corpo do outro, mesmo que com medo da morte*³⁸, fazendo a chamada *des-generação*³⁹ que subverte os paradigmas e reorganiza o pensar colonizado, no meu caso, a des-generação passa pela subversão de meu corpo de mulher, negra, periférica e pesquisadora universitária da fronteira-sul, escrevendo desta posição onde me proponho ainda que cerceada por meus medos, produzir o *giro*⁴⁰ do qual Nelson trata, revertendo o pensamento moderno-metafísico-ocidental quanto ao ser, que chamarei neste ponto de *corpo* da colonialidade.

Por fim, as discussões sob as quais se debruçam sobre os últimos tópicos relacionam-se com os giros de-coloniais e as ciências que surgiram e desenvolvem-se ferozmente a partir da *resposta visceral*⁴¹ dos corpos colonizados que operacionalizam cada vez mais seus sentimentos de revolta. A descolonialidade é a festa pela qual se enxerga a esperança e a lucidez no sistema mundial/colonial/moderno. Ao tratar da cultura, *modus operandi* pela qual determinado povo e sujeitos reflexionam suas vivências, *bios* e *lócus* se transfiguram em veículo para falar contra e escrever contra as amarras do colonialismo moderno, imperialismo globalizado e as múltiplas colonialidades da qual temos conhecimento. A epistemologia descolonial instrumentaliza conceitualmente a imergência dos condenados e abre espaço para que se desenhe *o mundo do “tu”*⁴² de que fala Fanon, e a partir do qual nós pesquisadores

³⁷ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 57.

³⁸ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 57.

³⁹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 59.

⁴⁰ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 60.

⁴¹ MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 63.

⁴² MALDONADO-TORRES. *Sobre a colonialidade do ser*, p. 69.

engajados com a dignificação e legitimação do “Novo Mundo” também buscamos conceber.

REFERÊNCIAS

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito*. Rio de Janeiro: Via Verita Editora, 2022.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: La Herida Colonial Y La Opción Decolonial*. São Paulo: Gedisa Editorial S A, 2007.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. São Paulo: Pontes Editora, 2022.

NOLASCO, Edgar César. CRÍTICA BIOGRÁFICA fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIIS, v.7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 55- 76.

Artigo Recebido em: 25 de agosto 2023.

Artigo Aprovado em: 11 de outubro de 2023.

218